

## Brasil

Conjuntura Presidente da Petrobras defende política de paridade internacional e rebate crítica de importadores

# ‘Não vamos cometer o erro de reajustar preços diariamente’

André Ramalho, Gabriela Ruddy e Francisco Góes  
Do Rio

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse ontem ao **Valor** que a empresa não vai cometer o erro de reajustar os combustíveis diariamente. “Nossa política é ajustar os preços à paridade internacional”, afirmou. A discussão sobre preços dos combustíveis voltou à cena depois de importadores acusarem a estatal de praticar preços predatórios. Castello Branco reagiu dizendo que os cálculos dos importadores não refletem os custos da empresa. “Para eles, o melhor do mundo é que a Petrobras coloque os preços lá em cima, acima do preço de paridade internacional. Ai viabiliza quem é mais eficiente”, disparou. Ele disse que a venda da fatia que a Petrobras detém na BR Distribuidora continua no radar, assim como a venda da Braskem. A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Valor:** Na última semana, a Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis (Abicom) protocolou ofício no Cade alertando o órgão antitruste sobre o que a entidade considera como prática de “preços predatórios” por parte da Petrobras. Usinas de etanol e consultorias também apontam para uma defasagem nos preços da companhia, em relação à paridade internacional, e o sinal foi aceito entre analistas do mercado financeiro. A Petrobras está segurando os reajustes dos combustíveis?

**Roberto Castello Branco:** Em primeiro lugar, há essas associações de importadores que são de pequenos importadores. Eles fazem supostos cálculos que não refletem os nossos custos. O preço de paridade de importação (PPI) não é um valor absoluto, depende de cada um, dos custos de frete, de internação, de logística. Para eles, o melhor do mundo é que a Petrobras coloque os preços lá em cima, acima da paridade internacional, para eles poderem ganhar em cima disso. Ai inviabiliza quem é mais eficiente. Temos visto as importações fluírem normalmente. Não tenho os dados de janeiro, ainda é prematuro, mas até dezembro há importações significativas de diesel e gasolina. Quem são os principais importadores? São as grandes tradings e as grandes distribuidoras: a Raizen, BR, Ipiranga. E ninguém veio reclamar conosco de nada, que não está conseguindo importar. Segundo, quanto às reclamações do mercado [financeiro], é gozado. Eles estão preocupados, reclamando que estamos segurando os preços e o

preço da nossa ação ontem [segunda-feira] bateu no high [maior valor] em 12 meses. O pessoal continua a comprar ações e acha que estamos fazendo bobagem. Ou são investidores irracionais ou querem jogar conversa fora. Porque isso não está sendo refletido nos preços do mercado. Terceiro ponto: seguimos paridade internacional seguindo o preço do combustível. E entre o preço do petróleo e o preço de cada combustível existem diferenças. Não estamos comprometidos em cometer o erro de ficar reajustando diariamente. Para estar em linha com a paridade internacional, precisaria ficar colocando um robzinho de olho na cotação internacional reajustando toda hora. Isso não é bom. A experiência mostrou que isso deu confusão, e não vamos fazer. A Petrobras é um produtor de combustíveis, não é um trader de combustíveis. Os preços de commodities oscilam todo dia. Então somos pacientes, agimos com frieza, profissionalismo e reajustamos de acordo com o preço internacional e de acordo com as forças de mercado.

**Valor:** Existe um histórico de uso da Petrobras como ferramenta de controle de inflação que liga o sinal de alerta de analistas do mercado financeiro em momentos em que a companhia segura reajustes...

**“Não existe segurar preço para conter inflação. Isso é ofensa a mim, ao presidente do BC e ao ministro Paulo Guedes”**

**Castello Branco:** Não existe essa coisa de segurar preços para conter inflação. Isso, profissionalmente, é uma ofensa a mim, ao presidente do Banco Central [Roberto Campos Neto] e ao ministro da Economia [Paulo Guedes]. Nós três somos economias graduados. [Guedes e eu] aprendemos há mais de 40 anos — no caso do Roberto Campos menos tempo, porque ele é mais jovem que nós — que controle de preços foi remetido ao museu de armas ineficazes de combater inflação. Em nenhum momento eu fui pressionado e questionado por ninguém do governo, inclusive pelos responsáveis pela inflação: o presidente do Banco Central, o ministro da Economia, o presidente da República, o ministro das Minas e Energia ao qual a Petrobras responde. Ninguém me pressionou porque sabe

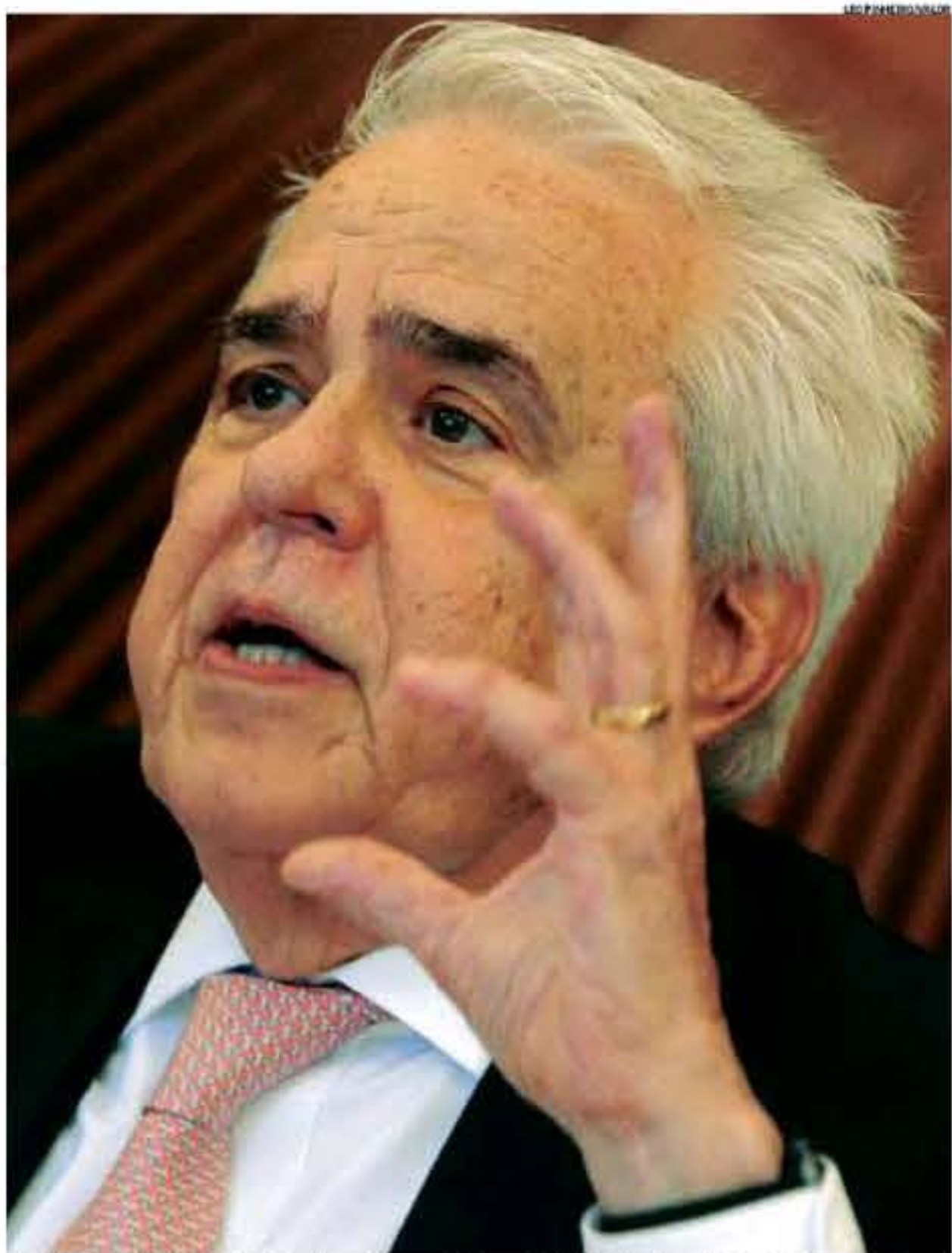
que eu não vou atender. O Paulo Guedes e o Roberto Campos sabem que seria um absurdo total. Eles são profissionais, agem profissionalmente, jamais iriam fazer isso. Eu, como profissional, sou economista e prezo muito pela minha profissão. Existe a paixão pela profissão e a paixão pela profissão não vai embora nunca. Não vou fazer algo que vai contra o que aprendi, que vai contra a minha experiência. De maneira nenhuma.

**Valor:** O quanto a Petrobras responde hoje pelo abastecimento do mercado doméstico?

**Castello Branco:** O market share da Petrobras flutua em torno de 75% a 80% do diesel e da gasolina. A Petrobras mudou bastante no aspecto da comercialização. Antes a Petrobras tinha o conforto de ter [o controle da] BR [Distribuidora], que tinha contrato exclusivo [com Petrobras]. Hoje não temos nem distribuição de combustíveis líquidos nem de GLP [gás liquefeito de petróleo]. A Liquigás foi vendida e ainda temos 37,5% da BR, mas não mandamos nada lá, pretendemos vender o resto. É só o mercado possibilitar uma oportunidade. Estamos nos preparando para um mercado de maior competição, vão ter outros players, outras empresas com refinarias. Nossa produção de petróleo vai aumentar, precisamos vender mais internacionalmente. Nossa comercialização mudou. Temos 36 pontos de venda com preços diferenciados, fazemos leilões para entrega futura baseado em preços futuros da Nymex, o processo se tornou muito mais dinâmico que antes.

**Valor:** Nesses primeiros dias do ano a Petrobras está com defasagem ou preços iguais à paridade?

**Castello Branco:** Nossa política é de ajustar na paridade de preços internacionais ao longo do ano, com a margem pelo risco. Em determinados momentos podemos estar abaixo da paridade, outros estamos acima. Oscila. Aprendi com a experiência, trabalhei 15 anos numa empresa de commodities, a Vale. Já estou começando o terceiro ano na Petrobras. Como economista estudei muito o assunto do preço das commodities. O preço das commodities é volátil. Então, diante de notícias, se é uma notícia... por exemplo, se a Opep resolveu não aumentar a produção, é uma surpresa para o mercado, o preço sobe. Tem o que a gente chama de lacro de volatilidade. Os participantes do mercado ficam ajustando seus preços de acordo com as expectativas para o futuro, e aí há tem muita volatilidade. Então, sabedor disso, na teoria e na prática, observamos o que vai dar. Quando a gente tem maior con-



Castello Branco: “Petrobras tem área de vendas e marketing mais ativa. A Petrobras não é mais a ‘petrossauro’”

finança, ajustamos. Já fizemos isso ano passado, em 2019... O que nós estamos fazendo agora não é nada novo, vamos fazer a mesma coisa. Somos monótonos, somos repetitivos. Não temos essa criatividade, essa inteligência... ninguém na Petrobras hoje é mágico.

**Valor:** A Petrobras olha perspectivas de preço de mais longo prazo para fazer os ajustes?

**Castello Branco:** Não é longo prazo, é o próximo mês... para ver se aquilo se sustenta ou não, e então vamos atrás. Porque o preço de commodity é volátil e tem uma dificuldade: ele faz o que economistas chamam de caminhada aleatória. O preço de hoje não contém nenhuma informação sobre o preço de daqui a uma semana. Você tem que sentir do mercado para poder fazer a precificação. Senão, o correto seria, no limite, colocar um robô, pegando os preços e ir reajustando a cada momento, não dá para fazer. Ou então fazer o reajuste diário, que também não dá para fazer. Num trem de alta isso ganha antipatia. Os revendedores são rápidos em repassar aumento de preços para os consumidores e são lentos para repassar queda de preços. Por exemplo, no ano passado, nos quatro primeiros meses do ano a Petrobras reduziu o preço do diesel em 4%. Os revendedores reduziram em 14%. A rapidez é na alta, na queda vai lento. Sobe de elevador, desce de escada.

**Valor:** O cálculo dos importadores de combustíveis sobre a suposta defasagem praticada pela Petro-

bras está correto?

**Castello Branco:** O cálculo deles não está errado nem certo, reflete o custo de terceiros. Nós sabemos os nossos custos, eles fazem hipóteses. O racional deles de calcular um preço de paridade de importação está certo, mas eles não estão usando os dados certos. Os dados certos quem tem somos nós, que somos proprietários da companhia. Eles não sabem nossos custos.

**Valor:** A Petrobras considera a paridade até onde?

**Castello Branco:** A paridade é até o ponto de venda.

**Valor:** A margem é fixa ou varia?

**Castello Branco:** É de acordo com o mercado. De acordo com demanda e oferta, a gente busca uma margem.

**Valor:** O que acontecerá com a discussão sobre preços de combustíveis após a abertura do refino?

**Castello Branco:** Acho que vai ser o mesmo. Se os novos donos de refinarias colocarem o preço lá em cima, como tem gente falando que agora vai ter monopólios regionais... se eles colocarem o preço lá em cima, vai ter importação, e aí isso vai derrubar o preço. E aí eles vão perder o mercado, nós vamos lá tentar furar o mercado deles. A Petrobras tem uma área de vendas e marketing muito mais ativa do que era antes. A Petrobras não é mais a “petrossauro” do passado, nós vamos em cima. E se colocar o preço lá embaixo, eles vão perder dinheiro e vão ficar sozinhos.

**Valor:** Como está o processo de venda das refinarias?

**Castello Branco:** Estamos com quatro operações em fase final de ajuste, incluindo a Rlam, a Refap, a Lubnor e a SIX. São casos em que estamos avançando no processo de negociação. É a negociação exclusiva para assinar um acordo de compra e venda. No momento não posso adiantar nada.

**Valor:** Ainda há previsão de conseguir fechar o contrato da Rlam ainda este mês?

**Castello Branco:** A previsão continua, mas toda transação de M&A tem suas idas e vindas. As previsões têm sempre uma margem de erro. É necessário aprovar no nosso conselho e no conselho do comprador, então há algumas variáveis que não podemos garantir.

**Valor:** E os prazos com o Cade?

**Castello Branco:** Os prazos são até dezembro de 2021. Estamos correndo para chegar lá com os oito refinarias vendidas. É factível, continuamos buscando isso.

**Valor:** A venda da Braskem saiu do horizonte? E a venda da fatia remanescente da BR Distribuidora?

**Castello Branco:** Não decidimos ainda. As vendas da BR e da Braskem são prioridades. No caso da Braskem, se aparecer um comprador estamos dispostos a vender, buscamos compradores. Na BR, o conselho de administração nos autorizou meses atrás, ficamos observando o mercado. Vamos ver, vamos voltar a discutir esse tema. É uma questão apenas de timing, não de decisão. A decisão já foi tomada, assim como da Braskem.

## Condições sugerem ano de alta nos combustíveis

André Ramalho e Gabriela Ruddy  
Do Rio

O ano de 2021 promete pressionar para cima os preços dos combustíveis no Brasil, diante da expectativa de recuperação da cotação internacional do petróleo. O barril do tipo Brent acumula alta de 9% no ano, mas concorrentes da Petrobras acusam a companhia de segurar os preços dos derivados. Segundo consultorias e analistas consultados pelo **Valor**, a empresa tem operado abaixo da paridade internacional neste início de ano.

Na sexta-feira, a Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis (Abicom) enviou ofício ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) acusando a estatal de praticar “preços predatórios”. De acordo com a associação, a defasagem do litro da gasolina é da ordem de R\$0,40 em relação à paridade internacional, enquanto a do diesel é de R\$0,30. O presidente da Abicom, Sergio

Araújo, afirma que a estatal tem praticado preços abaixo da paridade sistematicamente desde meados de 2020 e que a situação levanta dúvidas sobre uma possível interferência do governo na estatal. “Concordamos que pode haver uma diferença do [cálculo do PPI] entre os agentes, mas não nessa faixa atual. A manutenção desta conduta está, outra vez, afastando os investimentos, como foi visto no início dos anos 2000”, afirmou.

Questionamentos sobre a autonomia da Petrobras refletem um histórico de pressões de governos sobre os reajustes da empresa. A consultoria Tendências acredita que a demanda global por petróleo dará sinais de recuperação em 2021 e, com isso, pressionará para cima os preços dos derivados. A previsão é que o litro da gasolina para o consumidor final aumentará 9,6% neste ano — uma alta de 0,47% na inflação, medida pelo IPCA. Já o litro do diesel deve subir 12% (0,02% na inflação). Se confirmado, o aumento dos

preços reverterá o cenário de 2020. Segundo a empresa de pesquisa de mercado Triad Research, o consumidor pagou, em média, R\$ 4,432 pelo litro da gasolina nos postos, em 2020, queda de 1,6% ante 2019. Já para o diesel S10 a baixa foi de 3,2%, vendido na bomba a R\$ 3,627 em 2020. Para efeitos de comparação, o Brent acumulou uma queda de 20,6% no ano passado.

Não há um consenso no mercado, porém, sobre os cálculos que sustentam a comparação dos preços da Petrobras com as referências internacionais. O assunto é objeto frequente de guerras de narrativas. A Abicom, por exemplo, toma como base os preços de referência da S&P Global Platts — que considera as despesas para internalização dos combustíveis até o porto, mais os custos com as taxas portuárias, armazenagem e de frete até o ponto de entrega. Já a Petrobras alega que o PPI não é um valor absoluto entre os agentes.

Além da Abicom, outras consultorias e analistas sugerem que a Petro-

bras tem mantido seus preços com uma defasagem em relação à paridade internacional. A Datagro estima que, para a gasolina, essa diferença hoje é de cerca de 20%. “Geralmente, na entressafra, o preço do etanol sobe e a competitividade fica comprometida. O não repasse do preço da Petrobras reforça essa perda de competitividade”, afirma o presidente da consultoria, Plínio Nastari.

A Ativa Investimentos também calcula que há espaço para alta de até 20% a curto prazo no preço gasolina. O economista-chefe da companhia, Étore Sanchez, acredita que a estatal fará um aumento gradual na sua tabela de preços. “Geralmente a Petrobras aguarda um período de acomodação até fazer essa reposição”, explica.

Já o Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE) estima que a defasagem é de 8,6% para a gasolina e 3,5% para o diesel. “Mas não quer dizer que ela perca dinheiro, ela deixa de ganhar dinheiro”, comenta o diretor do CBIE, Adriano Pires.

## Mercado vê represamento de repasses desde 2019

Do Rio

As suspeitas do mercado de que a Petrobras segura altas nos preços dos combustíveis quando há maior volatilidade se tornaram mais frequentes desde que a estatal acabou com a periodicidade nos ajustes, em junho de 2019. A forma como a petroleira divulga os reajustes levanta também um debate sobre transparência.

A estatal comunica os reajustes às distribuidoras de véspera. Em meio à maior pressão da sociedade e dos órgãos reguladores por transparência, sobretudo após a greve dos caminhoneiros de 2018, a companhia mantém em seu site os preços para os 36 pontos de entrega dos produtos, mas não informa a investidores e jornalistas quando faz reajustes — no caso da imprensa, a estatal apenas confirma ao ser questionada. É comum que os anúncios de

reajustes vazem no mercado. Há, assim, uma assimetria no acesso à informação que envolve empresa listada em bolsa. A Petrobras entende que reajustes não são fatos relevantes, mesmo sendo um agente dominante no mercado.

“Divulgamos [o reajuste] para os clientes. Interessa a eles, que vão comprar nossos produtos. Interessa à sociedade o preço no posto de gasolina, e não na refinaria. Nós somos fornecedores de um insumo, e não do produto final”, disse ontem o presidente da empresa, Roberto Castello Branco.

Desde a greve dos caminhoneiros, a Petrobras mudou a prática de reajustes quatro vezes. A paralisação pôs fim às alterações quase diárias da gestão Pedro Parente. Aos poucos a estatal começou a distanciar mais os reajustes — desde 2019, passou a mexer nos preços a qualquer momento. (AR e GR)